

# Como se fosse uma grande tela

Paulo de Araújo

Brasília parece mais delicada, vista de longe. Uma cidade cercada por um imenso tapete esverdeado, onde o sol exibe seu brilho peculiar. Na varanda da chácara da socióloga Elza Tavares, a rotina é a mesma. Todos os dias, a paraibana de Campina Grande está de pé às 6h. Espreguiça e ergue os olhos em direção ao horizonte. À sua frente, um presente que enche os olhos: a vista panorâmica da cidade planejada por Niemeyer.

Nove anos atrás, Elza deixou um amplo apartamento na Asa Sul, com quatro quartos. O destino da socióloga e das duas filhas? O sossego no setor de chácaras remanescentes de Olhos D'água. No início, eram só cascalho e poucas casas ao redor. Uma paisagem exuberante. Pouco desbravada. Silenciosa. A casa tomou forma. Cercada pelo gramado, flores exóticas e árvores frutíferas.

De qualquer lugar da área de 40 mil metros quadrados, a socióloga, que raramente vai ao Plano Piloto - ela chega a ficar 60 dias em meio ao verde, distante do estresse do trânsito no Eixão -, pode



A socióloga Elza Tavares observa a cidade do alto da chácara Farroupilha

apreciar a paisagem natural. "Contemplo a capital de longe, a 5 quilômetros de distância. Faço de conta que tudo não passa de uma grande tela, onde eu só observo", diz Elza.

À noite, na chácara, - prossegue - tudo se transforma. É quando a

paraibana deixa a sala em completa escuridão. No fundo, apenas a luz fraca de um abajur. "Abro a porta e deixo que as luzes de Brasília iluminem o ambiente", conta. Pela manhã, uma caminhada renova as energias, com direito a cantos de pássaros. (AB)